SciELO Preprints

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Reações editoriais à desinformação em saúde: uma análise comparativa entre Brasil e Espanha

Richard Miskolci, Antón R. Castromil

https://doi.org/10.25091/S01013300202600030009

Submetido em: 2026-11-17
Postado em: 2026-11-18 (versão 1)
(AAAA-MM-DD)

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.25091/S01013300202600030009

REAÇÕES EDITORIAIS À DESINFORMAÇÃO EM SAÚDE

Uma análise comparativa entre Brasil e Espanha

DOI: 10.25091/S01013300202600030009

RICHARD MISKOLCI*
https://orcid.org/0000-0002-6405-5591
ANTÓN R. CASTROMIL**
https://orcid.org/0000-0001-9461-6647

RESUMO

Analisamos editoriais dos jornais mais lidos no Brasil e na Espanha sobre desinformação em saúde durante a pandemia de Covid-19. Combinando enquadramento e estudos sobre desinformação, verificamos que na Espanha o sistema comunicacional sustentou consenso institucional nas evidências científicas; no Brasil, a desinformação veio do topo do Executivo, tornando o editorial uma "barreira sanitária" contra o discurso da extrema-direita.

PALAVRAS-CHAVE: *pandemia de Covid-19*; *desinformação em saúde*; *editoriais jornalísticos*; *comunicação política*

Editorial Reactions against Health Misinformation: A Comparative Analysis between Brazil and Spain

ABSTRACT

We analyzed editorials from the most widely read newspapers in Brazil and Spain about health misinformation during the Covid-19 pandemic. Combining framing analysis with studies of misinformation, we found that in Spain the communication system upheld an institutional consensus around scientific evidence; in Brazil, misinformation originated at the top of the Executive, making the editorial a "health barrier" against the far-right's discourse.

* Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo, SP, Brazil.
richard.miskolci@unifesp.br
** Universidad Complutense de Madrid (UCM), Madrid, Espanha.
arcastromil@ccinf.ucm.ed

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.25091/S01013300202600030009

KEYWORDS: *Covid-19 pandemic*; *health misinformation*; *journalistic editorials*; *political communication*

Introdução

A informação e, em alguns casos nacionais, a desinformação em saúde, foram peças-chave no desenvolvimento da pandemia de Covid-19. Os efeitos da disseminação do vírus Sars-Cov-2 variaram em diferentes contextos sociais – conforme as características demográficas, econômicas e de sistemas de saúde de cada região, mas também pela forma como, diante da ameaça de contágio e morte, a opinião pública foi disputada em termos comunicacionais por governos e outros atores políticos, econômicos e sanitários (Scheitle; Corcoran, 2021, p. 7). À época da crise sanitária, ao menos no Brasil, tornou-se senso comum afirmar que as *fake news*, as teorias conspiratórias e, de forma geral, a desinformação estavam disseminadas globalmente, o que este estudo propõe avaliar por meio de uma pesquisa comparativa entre dois países: Brasil e Espanha.

No Brasil, o então presidente Jair Bolsonaro rejeitou as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) (Opas, 2020) sobre o uso de máscaras e distanciamento social e um número substancial de grupos de interesse defendeu tratamentos supostamente preventivos (Floss et al., 2023) com ivermectina, cloroquina ou um conjunto de medicamentos denominado "Kit Covid", sem eficácia comprovada no caso de infeção por Sars-cov-2 (Mandetta, 2020); posteriormente, Bolsonaro condenou o uso de vacinas (Machado; Siqueira; Gitahy, 2020). Na Espanha, o governo sob a liderança de Pedro Sánchez, do Partido Socialista e Operário Espanhol (PSOE), seguiu as prescrições da OMS e da União Europeia (UE), num acordo que também contou com o apoio relativo e circunstancial dos partidos de oposição e atores da área da saúde; no caso espanhol, não se organizou um campo de exploração comercial da pandemia semelhante ao do Brasil.

A comparação entre Brasil e Espanha apresenta um contraste entre dois países nos quais a emergência sanitária foi encarada de formas distintas. Para compreender as singularidades desses dois casos nacionais e como elas contribuíram para a disseminação de informação ou desinformação, selecionamos fontes que nos permitem reconstruir o que a imprensa profissional de cada país selecionou como mais relevante em relação à forma como os governos reagiram à emergência sanitária e como isso informou os debates públicos. Assim, neste artigo, analisamos como a pandemia de Covid-19 foi discutida nos editoriais dos dois jornais mais lidos na Espanha (*El País* e *El Mundo*) e do jornal mais lido no Brasil (*Folha de S.Paulo*).

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.25091/S01013300202600030009

O contraste entre essas duas realidades nacionais nos ajuda a identificar as condições mais propícias à desinformação sobre saúde, que neste texto não é entendida como sinônimo de *fake news* ou teoria da conspiração, mas, antes, de maneira sociológica, como uma estratégia político-comunicacional em disputas nas quais alguns grupos de interesse tentam convencer a opinião pública ou segmentos sociais de que sua interpretação de um fato é a correta. Esse campo de investigação emergiu principalmente a partir de 2016, como provam estudos bibliográficos como o de Jian Wang, Yujia Zhai e Fakhar Shahzad (2025).

O ano 2016 é paradigmático pelo impacto da estratégia comunicacional de Donald Trump nas eleições norte-americanas, pela campanha do Brexit a favor da saída do Reino Unido da União Europeia e, no Brasil, pelo processo que culminou no *impeachment* de Dilma Rousseff. Pesquisadores como Yochai Benkler, Robert Faris e Hal Roberts (2018) sublinharam como, na época, grupos de extrema direita reatualizaram estratégias comunicacionais de propaganda e desinformação para o novo ecossistema comunicacional sob a Internet. Segundo os autores, para criar o que definiram como um eixo comunicacional alternativo e refratário à refutação da imprensa profissional estabelecida.

Na década de 2020, na esteira de discussões similares, surgem estudos que buscam identificar e analisar contextos de crise epistêmica criados pela confluência das transformações tecnológicas com seu uso estratégico por grupos radicais. O objetivo não é apenas aferir a veracidade dos conteúdos, mas analisar os campos de disputa sobre a realidade que nascem no novo ecossistema comunicacional, dominado pela conectividade. Aqui, o termo conectividade designa a forma como as interações sociais passaram a ser moldadas pela mediação das tecnologias da informação e comunicação (TICs), em especial pelo uso de redes sociais e aplicativos de troca de mensagens (Miskolci, 2026, p. 22).

A conectividade é ponto fulcral no processo de deslegitimação de instituições como imprensa, ciência e política (Mendonça; Bernardes, 2022) que buscamos abarcar aqui com a noção de crise epistêmica, a qual é indissociável do que alguns autores denominam desordem informacional (Wardle; Derakhshan, 2017). As mudanças comunicacionais tornaram possível a contestação de sistemas peritos e especialistas, o que, durante a emergência sanitária e a perda de referências, abriu espaço para desconfiança contra autoridades e especulações sobre formas de prevenção e tratamento de uma doença nova acerca da qual havia pouco conhecimento.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.25091/S01013300202600030009

A pandemia do Covid-19 pode ser vista como um contexto paradigmático para esse novo tipo de disputa informacional e, quiçá, um ponto de inflexão para uma nova ordem comunicacional. A emergência sanitária global ampliou o uso das TICs e da conectividade e abriu espaço para uma crise epistêmica sobre algo que ameaçava a saúde e a sobrevivência da população. A pandemia se impôs como objeto de discussão central em uma era em que mais agentes – como grupos de interesse de toda ordem – têm condições de participar do espaço público e interferir na interpretação dos fatos, competindo com a imprensa profissional. E, portanto, até mesmo contestar a instituição que historicamente era a principal referência e a fonte hegemônica para lidar com eventos de interesse coletivo.

Há rica e vasta bibliografia disponível sobre essa transformação, sob diferentes perspectivas disciplinares, prioridades temáticas e abordagens teórico-metodológicas. Na Espanha, Daniel Catalán-Matamoros, Andrea Langbecker e Carlos Elías (2024) usaram uma pesquisa nacional para identificar características sociodemográficas que ajudam a compreender o comportamento das pessoas diante da informação sanitária e concluíram que idade e ideologia política são preponderantes. Em outra pesquisa, Andreu Casero-Ripollés, Hugo Doménech-Fabregat e Laura Alonso-Muñoz (2023) concluíram que as notícias falsas durante a pandemia contribuíram para ampliar a desconfiança em relação aos meios de comunicação e à classe política espanhola. No Brasil, estudos analisaram a cobertura de telejornais sobre a emergência sanitária (Cajazeira et al., 2022; Paganotti; Sanches, 2024), de sites de notícias (Peruzzo; Silva, 2026), o enquadramento do negacionismo nos dois jornais mais lidos no país (Miskolci, 2023) e a desinformação como parte da crise democrática (Milani, 2023) e da cisão político-comunicacional brasileiras (Miskolci, 2025).

Neste artigo, o objetivo é compreender como os editoriais dos principais jornais da Espanha e do Brasil dialogaram com as medidas governamentais e os debates públicos que se desdobraram na esfera digital. A principal hipótese é a de que a desinformação em saúde teve condições mais propícias para emergir e se disseminar em alguns contextos nacionais do que em outros, de acordo com o papel e o poder das mídias digitais em cada um deles. A originalidade da pesquisa está em seu caráter comparativo internacional e na articulação dos estudos dos meios comunicacionais profissionais com as contribuições da sociologia digital, especialidade afeita à análise da passagem de um ecossistema de comunicação analógico para outro digitalizado. Daí a ênfase na identificação das condições estruturais que se revelaram mais propícias à desinformação e na maneira como

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.25091/S01013300202600030009

elas moldaram conflitos e embates entre jornalismo profissional e novos agentes político-comunicacionais. Aspectos que serão desenvolvidos em detalhe mais adiante, a partir dos resultados da investigação.

A seguir, apresentamos a escolha e a constituição do *corpus* empírico formado pelos editoriais dos jornais mais lidos nos dois países, a discussão de seu potencial e limitações explicativas, bem como a abordagem mista qualitativa e quantitativa que adotamos para extrair os dados dos editoriais para análise. O arcabouço analítico associa a perspectiva dos enquadramentos à análise de seu papel nas disputas político-comunicacionais contemporâneas. Por fim, apresentamos os resultados e a análise com o objetivo de identificar as diferenças entre Brasil e Espanha e discutir as razões para a existência de mais conflito e desinformação em um país do que em outro.

Materiais e métodos

Reconstruímos os debates sobre a Covid-19 e as práticas de enfrentamento da pandemia por meio da criação de um *corpus* empírico formado pelos editoriais dos jornais mais lidos na Espanha (*El País* e *El Mundo*) e do jornal mais lido no Brasil (*Folha de S.Paulo*). Os editoriais foram escolhidos porque tendem a definir as questões mais relevantes em cada momento histórico (McCombs; Shaw, 1972), apresentam o posicionamento do veículo de imprensa e, ainda que indiretamente, sua política editorial.

Os editoriais são geralmente direcionados a leitores considerados típicos pela empresa de mídia, a pessoas que, podemos inferir, buscam se informar melhor para participar da esfera pública (González, 2008). Editoriais, portanto, são fontes importantes para identificar como questões comuns emergem nas camadas mais educadas das sociedades e podem ser entendidos como os "guias" da opinião pública que estabelecem os enquadramentos-mestre (Benford; Snow, 2000) que posteriormente serão disseminados por meio de mídias audiovisuais relacionadas e discussões em redes sociais.

A forma pela qual os editoriais apresentam a disputa por enquadramento entre diferentes grupos sociais, em determinada sociedade e período, evidencia como se constitui uma agenda. Em termos gerais, o que se reconhece como importante e a interpretação que considera dominante são frequentemente resultado de embates político-comunicacionais na sociedade contemporânea (Castromil; Humanes; Tojar, 2020).

Cada jornal espanhol analisado aqui é próximo de um segmento político. *El País* pode ser caracterizado como mais centrista ou – dependendo da perspectiva do avaliador – de centro-esquerda; e *El Mundo*, por suas posições durante a pandemia, pode ser

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.25091/S01013300202600030009

associado a visões mais próximas da direita e do Partido Popular (PP). Escolhemos apenas um jornal brasileiro para a análise por três razões: a primeira, porque os dois mais lidos no Brasil – *Folha de S.Paulo* e *O Globo* – não estavam claramente alinhados a nenhum partido político; a segunda, porque concluímos em um estudo qualitativo prévio que ambos adotaram posições semelhantes contra as medidas do governo Bolsonaro e o mesmo enquadramento sobre a pandemia (Miskolci, 2023); a terceira, porque os editoriais de *O Globo* não estavam disponíveis *on-line* para todo o período analisado, o que inviabilizou sua coleta e uso na análise por software. Assim, o caso espanhol e o brasileiro são comparados e contrastados por meio de dois jornais claramente divergentes na Espanha e apenas um no Brasil, cuja crítica ao governo federal convergiu com aquela do segundo mais lido no país.

A criação do *corpus* empírico iniciou-se com o estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de editoriais. Resumidamente são eles: (i) inclusão de todos aqueles que discutiam formas de lidar com a pandemia e apresentavam divergências entre diferentes autoridades, regiões do país e instituições; e (ii) exclusão de todos aqueles que apenas apresentavam o estágio da pandemia, achados científicos ou comentários sobre outros países, sem comparação com a forma como o governo nacional implementou medidas contra a Covid-19.

Com base nesses dois critérios, os editoriais dos três jornais foram lidos um a um. Eles abrangem o triênio iniciado em 11 de março de 2020, data em que a pandemia da Covid-19 foi declarada pela OMS, até 11 de março de 2023. Cada editorial que atendia aos critérios estabelecidos era copiado em um arquivo. Após a coleta de todos os editoriais, eles foram lidos novamente para a identificação – de forma qualitativa e inicial – dos principais temas discutidos e os atores que disputavam interpretações sobre o que estava acontecendo. Posteriormente, a análise quantitativa provou que se destacavam em volume, em especial, os editorais que faziam menção a vacinas, segurança sanitária, números da pandemia, papel da saúde pública e irresponsabilidade do presidente (no caso brasileiro). Também foram criadas linhas temporais, já que as discussões e as ondas de Covid-19 não ocorreram ao mesmo tempo nos dois países.

Em termos analíticos, optamos pela perspectiva do enquadramento por permitir identificar as interpretações dos diferentes atores sociais em disputa nos debates sobre as maneiras de lidar com a pandemia. As origens da teoria do enquadramento estão na adaptação do conceito de enquadramento de Erving Goffman (1986) feita por Robert Entman (1993) para os estudos da comunicação. Desde Entman (1993), esse conceito se

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.25091/S01013300202600030009

refere ao modo como a mídia estrutura as notícias a fim de promover uma dada interpretação e, em campos como os estudos dos movimentos sociais, como diferentes grupos de interesse lutam para impor sua visão acerca de um ponto da agenda pública.

A análise de enquadramentos mostrou-se apropriada aqui para investigar como grupos de interesse lutam para definir agendas, defender posições, diagnósticos e propostas na formação da opinião pública (Snow; Benford, 2005). Seguindo a metodologia dos estudos de enquadramento, definimos, portanto, o nosso objeto de pesquisa (disputas políticas e sua relação com a desinformação em saúde durante a pandemia da Covid-19), a mídia (os jornais mais lidos em cada país) e sua seção (os editoriais). Estabelecemos um recorte temporal (os três primeiros anos da pandemia), delineamos a nossa amostra (com critérios de exclusão e inclusão) e criamos o *corpus* empírico do estudo para então associar os procedimentos qualitativos iniciais também a um procedimento quantitativo. Em nosso estudo, optamos por uma perspectiva que pode ser chamada de mista (Linström; Marais, 2012), pois, embora tivéssemos uma amostra grande (453 editoriais), a codificação desses editoriais foi baseada em análise qualitativa prévia.

Os editoriais foram inseridos no software Statistical Package for Social Sciences (SPSS) para codificação e geração de dados comparativos entre os três jornais e os enquadramentos que eles privilegiaram. Algumas das variáveis utilizadas no SPSS foram: data (de publicação do editorial), jornal (no qual foi publicado), cenário (local, nacional ou internacional), relevância (principal editorial do dia ou não), tema geral (análise, ataque, crítica, visão de um líder), tom (favorável, desfavorável ou neutro em relação ao tema ou ator), protagonista (do editorial) e referente (a quem ou que se referia o editorial). Nosso objetivo era obter dados quantitativos para refinar e testar a análise qualitativa inicial e reconhecer objetivamente características específicas dos debates sobre a pandemia de Covid-19 em cada realidade nacional.

Os dados estatísticos também nos ajudaram a identificar perspectivas mais difíceis de reconhecer qualitativamente, como o tom dos editoriais, que foram avaliados de acordo com duas variáveis. A primeira variável, denominada tom geral, mede o tom direto do jornal (favorável/desfavorável ou neutro em relação a alguém/algo), considerando a realidade político-social descrita no editorial. A segunda atua como um filtro da primeira e mensura o tom substantivo dos editoriais; em outras palavras, identifica quando o jornal é neutro, mas o conteúdo editorial critica um ator social.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.25091/S01013300202600030009

Buscamos, na pesquisa, estatísticas sobre os editoriais para articular fatores qualitativos e quantitativos que pudessem oferecer dados que não seriam obtidos apenas por uma ou outra dessas linhas. Por fim, embora nossa abordagem metodológica tenha sido mista, ela privilegiou os fatores qualitativos no sentido de que buscamos, como define Julia Wood (2004, p. 69, tradução nossa), "compreender o caráter da experiência, particularmente como as pessoas [em nosso estudo, as sociedades] percebem e dão sentido à sua experiência comunicativa".

Além disso, os resultados mostraram a necessidade de associar a teoria do enquadramento a fontes contemporâneas sobre desinformação no atual e mutável ecossistema de comunicação, bem como a fontes históricas e sociológicas sobre a pandemia de Covid-19, em ambos os países. Segundo os editoriais brasileiros, os conflitos políticos em torno da pandemia eram indissociáveis do que eles chamaram de negacionismo, que se valia de veículos de comunicação tradicionais, mas também de redes e plataformas sociais digitais.

Nas próximas seções, apresentamos os resultados, seguidos de uma análise de como os conflitos políticos em cada país geraram diferentes perspectivas sobre a pandemia de Covid-19 que foram determinantes para a desinformação em saúde.

Resultados

A partir da leitura do *corpus* empírico de nossa pesquisa, constatamos que a pandemia de Covid-19 gerou muito mais controvérsia e confronto no Brasil do que na Espanha. Além disso, os termos das discussões públicas foram muito diferentes em cada país. Enquanto no Brasil os editoriais foram moldados por um embate direto contra a desinformação de matriz governamental e forçaram a imprensa a assumir um papel de "checagem" e defesa da verdade científica, na Espanha os editoriais giraram muito mais em torno dos esforços administrativos para mitigar os efeitos de um vírus cuja ameaça à segurança sanitária não era questionada (Melchor, 2023). Em outros termos, na Espanha, a controvérsia não foi sobre a veracidade dos fatos, mas sim sobre a eficácia e a legalidade das medidas implementadas pelo governo para mitigar os efeitos do vírus.

A disparidade no número de editoriais, muito mais numerosos no Brasil, indica que o jornal sul-americano assumiu um papel de vigilância diária contra o discurso oficial. De acordo com a Tabela 1, no mesmo período e segundo os mesmos critérios, a *Folha de S.Paulo* publicou mais editoriais sobre as polêmicas durante a pandemia do que os dois jornais espanhóis juntos.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.25091/S01013300202600030009

TABELA 1

Volume de editoriais analisados

Jornal	Editoriais	Total
Folha de S.Paulo	246	54,3%
El Mundo	94	20,8%
El País	113	24,9%
Total	453	100%

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados coletados durante a pesquisa.

Em termos temporais, mais da metade dos editoriais de todos os jornais se concentrou no primeiro ano da pandemia, caindo progressivamente nos anos seguintes até sua quase ausência nos primeiros meses de 2023. Dado que indica uma correlação entre o número de editoriais e o grau de discussão sobre a pandemia em cada período.

Os dados gerais permitem afirmar que editoriais com temáticas analíticas sobre o enfrentamento da pandemia predominaram ante aqueles dedicados a algum tipo de crítica a uma instituição ou governo. Entre os temas abordados, predominaram as vacinas e a segurança sanitária, presentes em quase metade do total dos editoriais analisados. Nos jornais espanhóis, mais de um terço da cobertura abordou questões de proteção contra a Covid, aspecto que teve menos atenção no jornal brasileiro. Isso pode estar relacionado ao fato de que as políticas de isolamento social na Espanha foram mais rígidas do que no Brasil e, neste, a oposição do governo Bolsonaro às vacinas foi a questão central.

O apelo às qualidades pessoais dos governantes concentrou-se no jornal brasileiro, que qualifica Bolsonaro como incompetente, ignorante, delirante etc. Houve relativamente poucas referências a partidos políticos, especialmente no Brasil, visto que o presidente da República não foi filiado a nenhum partido em grande parte de seu mandato. Bolsonaro foi descrito principalmente como irresponsável, mas também como defensor de soluções de eficácia duvidosa (por exemplo, o uso de cloroquina) e negacionista da ciência. Já Sánchez foi caracterizado principalmente como um mau administrador e, menos vezes, como incorreto em termos jurídicos.

Os dados permitem reconhecer o jornal *El Mundo* como um jornal de oposição ao governo de esquerda de Sánchez e a *Folha de S.Paulo* como um jornal de oposição ao governo de extrema direita de Bolsonaro. Portanto, ambos têm editoriais mais negativos em relação ao governo – *El Mundo* (46%) e *Folha* (47%) – do que *El País*, que apresentou

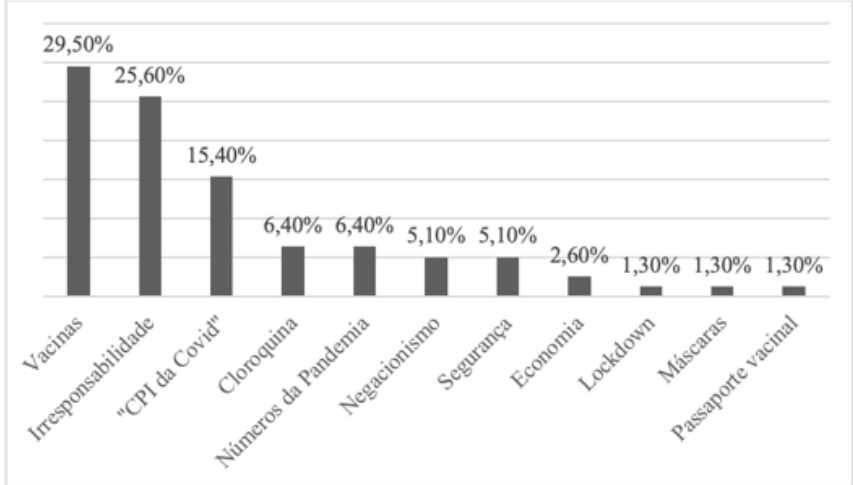
SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.25091/S01013300202600030009

predominantemente uma visão neutra (93%). Ao associar os dados numéricos a aspectos sociopolíticos, podemos argumentar que *El País* foi mais neutro por se concentrar mais nas medidas do governo espanhol contra a pandemia, medidas essas que estavam em linha com a OMS e a UE.

A posição negativa da *Folha de S.Paulo* em relação a Bolsonaro explica-se principalmente pela oposição do jornal às medidas tomadas pelo presidente em face da pandemia. O Gráfico 1 mostra que os principais temas dos editoriais da *Folha* foram a recusa de Bolsonaro à vacinação, seguida de sua irresponsabilidade e, em menor grau, da necessidade de instaurar uma comissão de inquérito (CPI) sobre sua gestão. Em *El Mundo*, por outro lado, a posição política de oposição ao governo do PSOE, como mostra o Gráfico 2, e à liderança de Sánchez pode ter sido mais decisiva para o tom negativo do jornal do que as medidas implementadas para enfrentar a pandemia.

GRÁFICO 1

A cobertura negativa da *Folha de S.Paulo* sobre Jair Bolsonaro

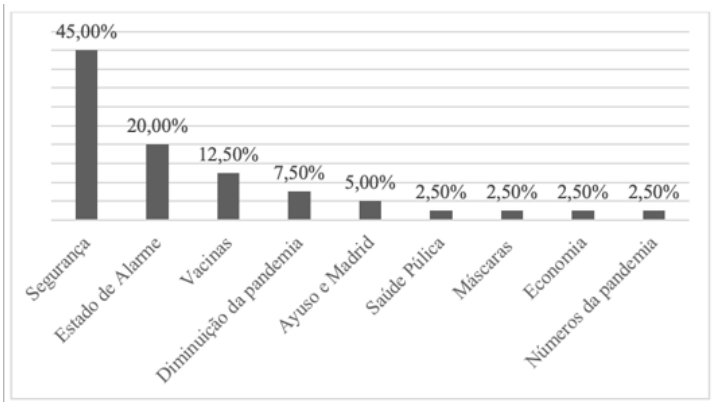


Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados coletados durante a pesquisa.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.25091/S01013300202600030009

GRÁFICO 2

A cobertura negativa de *El Mundo* sobre Pedro Sánchez



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados coletados durante a pesquisa.

A atenção dada à saúde pública pelos jornais espanhóis foi maior do que a dos jornais brasileiros. Na Espanha, houve quase três vezes mais cobertura sobre saúde pública do que no Brasil, o que também se revela qualitativamente nos editoriais – que defendem mais investimentos no sistema público de saúde espanhol e reivindicam melhorias nas condições de trabalho dos profissionais de saúde e, até mesmo, aumento de salários. Na *Folha de S.Paulo*, que historicamente defende a participação da iniciativa privada na administração do Sistema Único de Saúde (SUS), a defesa da saúde pública durante a pandemia foi ofuscada pela predominância das críticas ao governo Bolsonaro e, em grau muito menor, ao negacionismo científico do presidente e de seus apoiadores.

A preocupação com as vacinas foi maior no Brasil (28,8% da cobertura da *Folha de S.Paulo*), em comparação com a Espanha (*El País*, 22,1%; *El Mundo*, 14,8%). O motivo foi que, no Brasil, o governo Bolsonaro se opôs à vacinação e, após reação de parte da população e campanhas de vacinação promovidas por governadores estaduais, o presidente e seus apoiadores tentaram impedir que adolescentes e crianças fossem vacinados (Matos; Avelino-Silva; Couto, 2025). Esses dados comprovam, mais uma vez, que as medidas de contenção da pandemia foram causa de maior conflito político no Brasil do que na Espanha e que esses conflitos resultaram no que podemos classificar como campanhas de desinformação em saúde, apoiadas por veículos de comunicação pró-Bolsonaro e por grupos de interesse especialmente ativos nas redes sociais (Ferrari et al., 2022).

Na mesma linha, quase não houve preocupação com negacionismo científico na Espanha e apenas o jornal *El País* publicou um editorial sobre essa questão, aludindo a

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.25091/S01013300202600030009

países como os Estados Unidos e o Brasil. Enquanto apenas sete editoriais brasileiros abordaram a desinformação nominalmente, mais de um terço se referiu a ela por termos como antivacina, cloroquina, Kit Covid e disseminação de notícias falsas.

Comparando os editoriais e seus contextos

Nossos dados mostram, no caso do Brasil, uma associação entre o governo de extrema direita e a desinformação em saúde, aqui compreendida como a que promoveu formas de prevenção e tratamento da Covid-19 controversas ou ineficazes, segundo os critérios de órgãos internacionais e nacionais, como a OMS Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Portanto, ao menos na esfera pública (reconstruída por meio dos editoriais), é possível identificar a predominância de um enquadramento da experiência da Covid-19 no Brasil marcado por aquilo que a *Folha de S.Paulo* definiu como negacionismo científico (Miskolci, 2023) sob a liderança política de Jair Bolsonaro.

A desinformação em saúde mais óbvia produzida nesse movimento foram as prosaicas teorias xenófobas sobre a origem chinesa do vírus Sars-cov-2 e um suposto plano de guerra biológica. Houve, contudo, formas mais sofisticadas de explorar as controvérsias que surgiram com a emergência sanitária, como as campanhas contra o distanciamento social e o uso de máscaras, que, segundo elas, podiam ser substituídos por medicamentos preventivos e tratamentos sem eficácia comprovada, como a cloroquina. Nos editoriais, a origem da desinformação é múltipla: discursos oficiais, veículos de imprensa alinhados ao governo, redes de desinformação criadas por apoiadores de Bolsonaro na Internet.

A desinformação, no Brasil, não se limitou à criação de mentiras absolutas. Houve principalmente instrumentalização da dúvida científica em um contexto de desconfiança contra instituições e autoridades ampliada pela emergência sanitária. O movimento que potencializou a desinformação praticou uma escolha seletiva de debates complexos – como as oscilações legítimas da OMS e as incertezas sobre a origem do vírus – para deslegitimar instituições de saúde pública. Diferentemente da Espanha, onde a adesão às autoridades sanitárias funcionou como um filtro, no Brasil o governo utilizou fragmentos de discussões técnicas para construir narrativas de desorientação deliberada e pânico vacinal.

Na Espanha, tanto no *El País* quanto no *El Mundo*, predominou um enquadramento que enfatizava a ordem institucional durante a emergência sanitária. Esse enquadramento nunca questionou a gravidade da situação sanitária (especialmente no que

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.25091/S01013300202600030009

dizia respeito a vacinação, uso de máscaras e necessidade de isolamento social), mas teve impacto em certa controvérsia sobre a maneira de lidar com a pandemia em termos institucionais e jurídicos.

O diagnóstico dos editoriais espanhóis como um todo foi menos negativo que o brasileiro em relação ao enfrentamento da pandemia, o que pode ser explicado pelo fato de o governo espanhol ter seguido as prescrições da UE e da OMS. No caso específico do jornal *El Mundo*, cujo tom foi mais crítico à administração da pandemia em razão de sua oposição ao governo de esquerda do PSOE, houve ênfase nas questões institucionais, como a constitucionalidade do Estado de Alarme (Barrilao, 2020). A exploração política e comercial do mercado da saúde, ampliado pela emergência sanitária, não foi relevante nos editoriais porque, sob relativo consenso sobre as medidas de enfrentamento da pandemia, predominaram as informações veiculadas pelos órgãos oficiais de saúde.

No Brasil, por sua vez, onde houve uma acalorada discussão sobre as medidas oficiais, a desinformação desempenhou um papel muito mais importante. O arcabouço institucional espanhol se mostrou fundamental para o consenso diante da gravidade da pandemia, enquanto o ataque constante do governo de extrema direita brasileiro a todas as instituições de saúde – como a OMS, centros de pesquisa especializados, órgãos reguladores de medicamentos, laboratórios farmacêuticos e órgãos de imprensa profissional – foi decisivo para semear a discórdia, criar obstáculos ao enfrentamento da ameaça epidemiológica pelos órgãos públicos e, ao mesmo tempo, abrir espaço para formas questionáveis e ineficientes de prevenção e tratamento.

Em contextos como o brasileiro, a desinformação funciona como uma arma de comunicação para deslegitimar posições e disseminar desconfiança, desencadeando uma crise epistêmica (Benkler, 2021; Mendonça; Bernardes, 2022). Andrew Keen (2007) explica que, em tais contextos, amadores tomam o lugar de especialistas e informação torna-se sinônimo de opinião (Miskolci, 2021). Os resultados da pesquisa apresentada aqui mostram que a desinformação sobre saúde no Brasil obscureceu a diferença entre informação e propaganda (falsa) sobre medicamentos, tratamentos e profissionais de saúde. Outro estudo, realizado com grupos focais no auge da pandemia, comprova que isso moldou comportamentos e angariou adesão de segmentos sociais mais vulneráveis (Miskolci, 2025).

Enquanto na Espanha os editoriais demonstravam divergências políticas no âmbito dos veículos de comunicação estabelecidos, havia, no Brasil, uma fratura entre esses veículos e a rede de desinformação liderada pelo governo federal e apoiadores de

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.25091/S01013300202600030009

extrema direita. A começar pela forma como o governo manipulava os números sobre a pandemia, o que levou um conjunto de veículos de imprensa a se associar em um consórcio para contabilizar e divulgar o número de infectados, internados e mortos. Segundo a *Folha de S.Paulo*, o Conselho Federal de Medicina (CFM), aliado político do governo Bolsonaro, não estabeleceu nenhum protocolo e declarou que os médicos tinham liberdade para recomendar aos seus pacientes qualquer medicamento que achassem necessários. Vários editoriais também denunciaram casos de operadoras privadas de saúde e associações médicas criadas durante a pandemia que usaram e lucraram com formas contestadas de prevenção e tratamento da Covid-19.

Quando não existem referências institucionais comuns, há mais espaço para que defensores de práticas questionáveis e quem lucra com elas trabalhem juntos, mesmo que não de forma claramente coordenada. Aliaksandr Herasimenka et al. (2022) denominam essa associação redes de coprodução de desinformação.

No caso brasileiro, as divisões políticas que marcaram a história recente do país e culminaram na vitória da extrema direita nas eleições de 2018 (Nobre, 2022) foram decisivas na moldagem da compreensão e da atuação diante da pandemia de Covid-19, entre 2020 e 2023, criando condições propícias para que o governo de extrema direita e grupos de interesse no mercado de saúde disseminassem desinformação (Reis; Ventura; Aith, 2021). As medidas do governo Bolsonaro associaram-se a setores econômicos contrários ao *lockdown*, médicos, farmacêuticas e operadoras privadas de saúde que disseminavam tratamentos ineficazes de toda ordem por interesses próprios.

Na Espanha, as discussões sobre a pandemia seguiram as divisões políticas tradicionais do país sob um sistema político-midiático unificado, o que é perceptível na oposição sistemática do jornal *El Mundo* às ações do governo liderado por Sánchez. O consenso em torno das prescrições da OMS e da UE deixou menos espaço para atores políticos radicais, como o partido de extrema direita Vox e os antivacinas. Por essas razões, esses grupos não conseguiram disseminar medicamentos e tratamentos ineficazes, como aconteceu no Brasil.

A esfera pública institucional na Espanha – no caso da pandemia – foi liderada pela mídia tradicional e não por grupos políticos organizados de extrema direita. Esse contexto ajuda a entender também a menor penetração de teorias da conspiração e desinformação sobre vacinas, *lockdowns* e uso de máscaras na Espanha. No Brasil, a desconfiança contra a grande mídia pode ter sido agravada pela ausência de um veículo de comunicação estatal semelhante à Rádio e TV Espanhola (RTVE). Aliás, essa

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.25091/S01013300202600030009

desconfiança contra a mídia – quase completamente sob controle comercial no Brasil – está associada também a um maior uso de redes sociais digitais da parte dos brasileiros, em comparação com os espanhóis, que em média passam menos da metade do tempo que os brasileiros despendem *on-line* (Statista, 2025).

No Brasil, a ausência de uma referência confiável na mídia durante a crise sanitária pode ter aberto espaço para grupos econômicos interessados em explorar economicamente a emergência sanitária. Em um sistema de mídia híbrido, como no caso do brasileiro, as redes sociais digitais desempenharam um papel importante e capaz de competir com a mídia profissional, beneficiando esses grupos econômicos. Sob um governo de extrema direita, a convergência de interesses políticos e econômicos pode ser o principal fator de explicação para a maior disseminação de desinformação e controvérsias sobre saúde no país sul-americano.

Notas finais

Os dados obtidos em nossa pesquisa permitem afirmar que, ao contrário do que parecia para muitos na pandemia, a desinformação em saúde não se disseminou igualmente pelo mundo. O fenômeno é mais afeito a contextos específicos, em períodos de crise e incerteza, mas sobretudo onde há condições comunicacionais e políticas como as encontradas no Brasil. O contexto brasileiro, mais conflituoso do que o espanhol e com um sistema midiático cindido, permitiu que grupos radicais ligados ao governo de extrema direita e aos seus interesses competissem contra as prescrições da OMS e das autoridades de saúde de outros países e blocos regionais, como a UE. Assim como já exposto, há razões históricas que ajudam a compreender a desconfiança da população brasileira em relação à imprensa, como a concentração da mídia em mãos privadas e sob o controle de poucos grupos de comunicação, o que pode ter se associado à conectividade e gerado uma maior permeabilidade a campanhas de coprodução desinformativa, especialmente por meios digitais.

A Espanha foi um dos países da UE mais violentamente afetados pela pandemia e, de acordo com dados da plataforma *Covid-19 Policy Watch*, da Eurofond, a confiança dos espanhóis no sistema público de saúde foi a mais alta entre sete países analisados, superando Alemanha e França (Pereirinha; Pereira, 2021). Em termos de medidas de saúde, predominou a concordância, principalmente em razão da importância da UE e da OMS, mas também pela hegemonia da imprensa profissional no ecossistema midiático e, consequentemente, pela menor organização de redes de extrema-direita e apoiadores

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.25091/S01013300202600030009

cujos interesses econômicos poderiam contradizer essas instituições. A predominância do *establishment* na mídia garantiu alinhamento com as instituições (mesmo no jornal de oposição *El Mundo*).

A *Folha de S.Paulo* não reconheceu a importância do sistema público de saúde para o enfrentamento da pandemia como fizeram os jornais espanhóis. As críticas contínuas à atuação do governo Bolsonaro permitiram que o jornal seguisse sua linha editorial tradicional, que associa o sistema público de saúde brasileiro à ineficiência e beneficia o setor privado e interesses que apoiam a privatização dos serviços de saúde. Na Espanha, a grande imprensa noticiou os protestos de massa nas ruas das maiores cidades do país em favor dos profissionais de saúde no fim de 2022. No Brasil, o estudo de Cláudia Malinverni, Jacqueline Brigagão e Angela Maria Cuenca (2022) confirma que a relação entre a imprensa e o sistema de saúde é precária, o que pode ser comprovado pela invisibilidade jornalística de protestos semelhantes no Brasil a favor de mais investimento público na saúde pública e de melhoria dos salários dos profissionais.

Os debates sobre o enfrentamento da pandemia de Covid-19 impactaram não apenas o combate à ameaça epidemiológica, mas também a valorização e a confiança coletiva nas instituições públicas de saúde e em algumas de suas políticas mais importantes, como a vacinação. No Brasil, o cenário pós-pandemia revelou-se mais complexo e contraditório do que na Espanha, como indica a queda generalizada da vacinação no nosso país (Godin et al., 2023).

Neste ponto, é possível dizer que "desinformação" é um termo polissêmico, acionado sobretudo de maneira descritiva, porém, aqui, buscamos usá-lo de maneira analítica e sociológica para designar conflitos informacionais contemporâneos a respeito de fenômenos sociopolíticos. Nesse sentido, compreendemos "desinformação" como inseparável de processos políticos de radicalização social que ameaçam e fragilizam instituições, disseminam desconfiança contra autoridades e instituições e instalam crises epistêmicas, nas quais tudo passa a ser questionável por uma audiência crescentemente conectada e sob influência de conteúdos que competem com os da imprensa profissional.

A desinformação relacionada à saúde, como muitos estudiosos reconheceram em outros momentos históricos (Michaels, 2008; Oreskes; Conway, 2010), revelou-se mais uma vez uma arma político-comunicacional estratégica, mas agora utilizada em uma nova ecologia midiática que rompeu a hegemonia institucional que unia o estatal à mídia profissional e abriu espaço para uma diversidade de grupos de interesse, dentre os quais os que formam redes para explorar comercial ou ideologicamente oportunidades dadas

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.25091/S01013300202600030009

por emergências coletivas, como foi o caso da pandemia de Covid-19. Em outros termos, a atual desinformação em saúde é mais bem compreendida de forma situada, pois é inseparável da emergência de ecossistemas midiáticos híbridos e cindidos nos quais a disputa pela opinião pública se acirra e o jornalismo profissional passa a ser desafiado por adversários potencializados pelas tecnologias da comunicação e informação.

O conteúdo editorial analisado na Espanha permite afirmar que a opinião pública espanhola se mantém sob a hegemonia da mídia tradicional, na qual atuam diferentes segmentos políticos sob uma ordem institucional comum. No Brasil, as preocupações dos editoriais com a campanha da extrema direita contra o distanciamento social, o uso de máscaras e as vacinas revelaram um cenário híbrido e cindido, no qual a extrema direita conseguiu disputar a opinião pública com a mídia estabelecida por meio de veículos conservadores radicais, uso das redes sociais digitais e controle do governo. Em outras palavras, os grupos de interesse apoiados pela presidência de Bolsonaro criaram uma espécie de rede de comunicação alternativa que operou contra a mídia profissional e estabelecida, disseminando conteúdo que pode ser chamado tanto de desinformação quanto de propaganda, ou seja, vinculado a interesses políticos e comerciais que conflitam com o coletivo. Esses interesses promoveram formas individuais de lidar com uma ameaça epidemiológica coletiva, mais afeitas ao mercado e à obtenção de lucro do que ao bem comum e à saúde pública.

Acordos políticos entre partidos historicamente adversários, em um ecossistema midiático relativamente unificado, ajudaram a manter a confiança nas instituições e protegeram a opinião pública espanhola da desinformação em saúde, aqui compreendida como estratégia comunicacional assentada na criação de controvérsias afeitas a grupos de interesse que buscavam lucrar financeira ou politicamente com a pandemia de Covid-19. No Brasil, em um contexto de conflitos e divergências entre as forças políticas, o governo de extrema direita aliou-se a interesses de mercado, o que contribuiu decisivamente para a articulação de uma rede de desinformação que fraturou o sistema comunicacional, abalou instituições e debilitou a adesão às medidas contra a ameaça sanitária.

O caso brasileiro sugere que a histórica convergência entre forças políticas anti-institucionais e de mercado foi potencializada pela nova ecologia midiática, na qual redes de coprodução desinformativa podem gerar formas renovadas de campanha contra a saúde pública. Tal cenário político-comunicacional revelou-se com todo o seu potencial e risco durante a pandemia de Covid-19, estabelecendo uma gramática em que novas polêmicas sobre saúde pública poderão se dar daqui por diante.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.25091/S01013300202600030009

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

RICHARD MISKOLCI [ORCID: 0000-0002-6405-5591] é professor titular de sociologia na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e coordenador do DigiLab – Laboratório de Pesquisa Social. É presidente do WG Digital Sociology da International Sociological Association (ISA). Pesquisa as disputas sobre ciência e saúde na esfera pública tecnomidiatizada.

ANTÓN R. CASTROMIL [ORCID: 0000-0001-9461-6647] é professor associado no Departamento de Sociologia Aplicada da Faculdade de Ciências da Informação da Universidad Complutense de Madrid (UCM), na Espanha. Coordena o grupo de pesquisa sobre Comunicação Política no Novo Espaço Público (Conep) e estuda o impacto político da mídia na opinião pública.

Referências

Barrilao, Juan F. S. Crisis sanitaria y estado de alarma en España. *Revista de Estudos Institucionais*, v. 6, n. 3, 2020, p. 861-77. DOI: 10.21783/rei.v6i3.566

Benford, Robert; Snow, David. Framing Processes and Social Movements: An Overview and Assessment. *Annual Review of Sociology*, v. 26, 2000, p. 611-39. DOI: 10.1146/annurev.soc.26.1.611

Benkler, Yochai. A Political Economy of the Origins of Asymmetric Propaganda in American Media. In: Bennett, W. Lance; Livingston, Steven (org.). *The Disinformation Age: Politics, Technology, and Disruptive Communication in the United States.* Cambridge: Cambridge University Press, 2021, p. 43-66.

Benkler, Yochai; Faris, Robert; Roberts, Hal. *Network Propaganda: Manipulation, Disinformation, and Radicalization in American Politics.* Nova York: Oxford University Press, 2018.

Cajazeira, Paulo E. S. L. et al. Análise comparativa entre os meses iniciais de 2020 e 2021 no processo de monotematização da cobertura jornalística durante a pandemia de Covid-19 no *Jornal Nacional*. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 45, 2022, p. 1-12. DOI: 10.1590/1809-58442022105pt

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.25091/S01013300202600030009

Casero-Ripollés, Andreu; Doménech-Fabregat, Hugo; Alonso-Muñoz, Laura. Percepciones de la ciudadanía española ante la desinformación en tiempos de la Covid-19: efectos y mecanismos de lucha contra las noticias falsas. *Icono 14*, v. 21, n. 1, 2023. DOI: 10.7195/ri14.v21i1.1988

Castromil, Antón R.; Humanes, María L.; Tojar, Luis G. *La comunicación política en la era de la mediatización.* Salamanca: Comunicación Social, 2020.

Catalán-Matamoros, Daniel; Langbecker, Andrea; Elías, Carlos. Investigación sobre comunicación en COVID-19 y principales hallazgos. *Revista Española de Comunicación en Salud,* supl. 1, 2024, p. 67-77. DOI: https://doi.org/10.20318/recs.2024.8325

Entman, Robert. Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, v. 43, n. 4, 1993, p. 51-8.

Ferrari, Isaura et al. "Tratamento precoce", antivacinação e negacionismo: quem são os Médicos pela Vida no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil? *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 11, 2022, p. 4.213-22. DOI: 10.1590/1413-812320222711.09282022

Floss, Mayara et al. Linha do tempo do "tratamento precoce" para Covid-19 no Brasil: desinformação e comunicação do Ministério da Saúde. *Interface*, v. 27, 2023, p. 1-26. DOI: https://doi.org/10.1590/interface.210693

Godin, Audrey et al. Municipality-Level Measles, Mumps, and Rubella (MMR) Vaccine Coverage and Deprivation in Brazil: A Nationwide Ecological Study, 2006 to 2020. *Plos Global Public Health*, v. 3, n. 8, 2023, e0002027. DOI: 10.1371/journal.pgph.0002027

Goffman, Erving. *Frame Analysis: An Essay in the Organization of Experience*. Evanston: Northwestern University Press, 1986.

González, Juan J. Los medios en la democracia avanzada. ¿Hacia una democracia de audiencia?. In: Requena, Miguel; González, Juan J. (org.). *Tres décadas de cambio social en España.* Madri: Alianza, 2008, p. 345-82.

Herasimenka, Aliaksandr et al. The Political Economy of Digital Profiteering: Communication Resource Mobilization by Anti-vaccination Actors. *Journal of Communication*, v. 73, n. 2, 2022, p. 126-37. DOI: 10.1093/joc/jqac043

Keen, Andrew. *The Cult of the Amateur: How Today's Internet is Killing our Culture*. Nova York: Doubleday, 2007.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.25091/S01013300202600030009

Linström, Margaret; Marais, Willemien. Qualitative News Frame Analysis: A Methodology. *Communitas*, v. 17, 2012, p. 21-38. DOI: 10.38140/com.v17i0.991

Machado, Dayane F. T.; Siqueira, Alexandre F.; Gitahy, Leda. Natural Stings: Selling Distrust About Vaccines on Brazilian YouTube. *Frontiers in Communication*, v. 5, art. 577941, 2020. DOI: 10.3389/fcomm.2020.577941

Malinverni, Cláudia; Brigagão, Jacqueline I. M.; Cuenca, Angela M. B. The Production of Health News by the Press: The Context of the Coverage of the 2007/2008 Yellow Fever Epidemic. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 7, 2022, p. 2.817-25. DOI: 10.1590/1413-81232022277.18312021EN

Mandetta, Luiz H. *Um paciente chamado Brasil*. São Paulo: Objetiva, 2020.

Matos, Camila C. S.; Avelino-Silva, Vivian I.; Couto, Márcia T. The Politicization of Vaccines and Its Influence on Brazilian Caregivers' Opinions on Childhood Routine Vaccination. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 30, n. 1, 2025. DOI: 10.1590/1413-81232025301.08102023

McCombs, Maxwell; Shaw, Donald. The Agenda-Setting Function of Mass Media. *Public Opinion Quarterly*, v. 36, n. 2, 1972, p. 176-87.

Melchor, Lorenzo. Descripción y análisis del ecosistema de ciencia para la política en España durante la Covid-19. *Gestión y Análisis de Políticas Públicas*, n. 32, 2023, p. 7-27. DOI: 10.24965/gapp.10991

Mendonça, Ricardo F.; Bernardes, Cristiane B. Crise epistêmica e democracia: amadores e especialistas. In: Tatagiba, Luciana et al. *Participação, ativismos e democracia: uma trajetória contenciosa.* Porto Alegre: Zouk, 2022, p. 327-46.

Michaels, David. Manufactured Uncertainty: Contested Science and the Protection of the Public's Health and Environment. In: Proctor, Robert N.; Schiebinger, Londa (org.). *Agnotology: The Making and Unmaking of Ignorance.* Redwood City: Stanford University Press, 2008, p. 90-107.

Milani, Wilson (org.). Dossiê Crises da democracia e desinformação. *Revista Eco-Pós*, v. 23, n. 1, 2023.

Miskolci, Richard. Muito além do negacionismo: desinformação durante a pandemia de Covid-19. *Sociologias*, v. 25, 2023. DOI: 10.1590/18070337-123090

Miskolci, Richard. Desinformados são os outros: a divisão político-comunicacional durante a pandemia de Covid-19. *Revista Sociedade e Estado*, v. 40, n. 3, 2025. DOI: 10.1590/s0102-6992-20254003e59180

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.25091/S01013300202600030009

Miskolci, Richard. A conectividade e seus dilemas. In: Miskolci, Richard (org.). *A sociologia digital e suas interfaces.* Rio de Janeiro: BVPS Coleção, 2026, p. 21-31.

Nobre, Marcos. *Limites da democracia: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro*. São Paulo: Todavia, 2022.

Opas – Organização Pan-Americana da Saúde. Orientação sobre o uso de máscaras no contexto da Covid-19. Orientação provisória, 6 abr. 2020. OPAS, 2020. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/51994>. Acesso em: 6/11/2026.

Oreskes, Naomi; Conway, Erik M. *Merchants of Doubt: How a Handful of Scientists Obscured the Truths on Issues from Tobacco Smoke to Global Warming*. Nova York: Bloombury, 2010.

Paganotti, Ivan; Sanches, Raphael L. de O. Desmascarando a comunicação do governo federal brasileiro sobre Covid-19 na cobertura do jornalismo. *Comunicação Midiática*, v. 19, n. 1, 2024, p. 142-64.

Pereirinha, José A. C.; Pereira, Elvira. Social Resilience and Welfare Systems Under Covid-19: A European Comparative Perspective. *Global Social Policy*, v. 21, n. 3, 2021, p. 569-94. DOI: 10.1177/14680181211012946

Peruzzo, Cicilia K.; Silva, Thiago B. Desinformação e mediação jornalística: análise dos elementos narrativos e das fontes do G1 sobre declarações de Jair Messias Bolsonaro na Pandemia. *Galáxia*, v. 51, n. 1, 2026, e75567. DOI: 10.1590/1982-2553202675567

Reis, Rossana R.; Ventura, Deysi; Aith, Fernando M. Brasil: la estrategia que favoreció la propagación del Covid-19. *Foreign Affairs Latinoamérica*, v. 21, n. 2, 2021.

Scheitle, Christopher P.; Corcoran, Katie E. Covid-19 Skepticism in Relation to Other Forms of Science Skepticism. *Socius*, v. 7, 2021, p. 1-12. DOI: 10.1177/23780231211049841

Snow, David; Benford, Robert. Clarifying the Relationship between Framing and Ideology. In: Johnston, Hank; Noakes, John A. (org.). *Frames of Protest: Social Movements and the Framing Perspective.* Lanham: Rowman & Littlefield, 2005, p. 205-11.

Statista. Average Daily Time Spent Using the Internet by Online Users Worldwide from 3rd Quarter 2015 to 3rd Quarter 2024. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/1380282/daily-time-spent-online-global/>. Acesso em: 5/11/2026.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.25091/S01013300202600030009

Wang, Jian; Zhai, Yujia; Shahzad, Fakhar. Mapping the Terrain of Social Media Misinformation: A Scientometric Exploration of Global Research. *Acta Psychologica*, v. 252, art. 104691, 2025. DOI: 10.1016/j.actpsy.2025.104691

Wood, Julia T. *Communication Theories in Action: An introduction*. Belmont: Thomson Wadsworth; 2004.

Wardle, Claire; Derakhshan, Hossein. *Information Disorder: Toward an Interdisciplinary Framework for Research and Policy Making*. Estrasburgo: Conselho da Europa, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-report-november-2017/1680764666>. Acesso em: 14/3/26.

Editores responsáveis: Renata Francisco, Fernando Bee.

Recebido para publicação em 3 de junho de 2026.

Aprovado para publicação em 5 de novembro de 2026.

DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os dados foram depositados no Figshare e podem ser acessados mediante solicitação aos autores.

USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Os autores não utilizaram IA durante nenhuma etapa da produção da pesquisa e do artigo.

FINANCIAMENTO

Esta pesquisa recebeu financiamento da Capes-Print-Unifesp (processo n. 88887.695909/2022-00).

CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram não possuir conflitos de interesse.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença Creative Commons CC-BY.
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.